



Manuel Luciano da Silva

# Caros Conterrâneos, Sra D. Eva Lima e Sr. Adriano Correia de Pinho:

Li com muito interesse na “A Voz de Cambra” o vosso grito para se criar entre todos os valecambrenses, dentro e fora do nosso Concelho, um grande movimento para “revivermos a memória do internacionalmente conhecido Escritor Ferreira de Castro em relação a Vale de Cambra e até para se criar um Grande Prémio Literário para autores lusófonos em homenagem aos emigrantes da diáspora portuguesa, para podermos divulgar mais o nosso Concelho baseado no amor que Ferreira de Castro sempre teve, durante décadas, à Pensão Suíça e à beleza e tranquilidade de Vale de Cambra.”

## A caridade deve começar em casa

Gosto muito do vosso plano mas peço licença para ser franco.

Aqui nos Estados Unidos da América em todas localidades é uso e costume nos liceus locais, os professores de literatura e de

história usarem como livros textos as obras meritórias de autores regionais. No caso do Ferreira de Castro ele tem muitas qualidades como homem do povo, que nasceu numa aldeia, dando o exemplo que todo jovem pode vir a ser escritor; que gostava muito das tradições populares, “que era um homem que não cultivava a notoriedade”, era um grande patriota e revelava uma inteligência rara, mas sobretudo possuía simplicidade, humanismo e modéstia”. Foi o primeiro escritor português que não gostava de usar gravata... No Ensino Secundário do Concelho de Vale de Cambra TODOS os estudantes deviam ler e analisar “Os Emigrantes” e “A Selva” ambos obras-primas do Ferreira de Castro traduzidas em muitas línguas estrangeiras. É inadmissível que haja muitos povos muito longínquos de Vale de Cambra que conhecem as obras de Ferreira de Castro e os estudantes da nossa terra não. Portanto, eu quero sugerir ao novo Movimento

para começar a arranjar muitos milhares de assinaturas para pedir às Autoridades Camarárias e ao Reitor da Escola Secundária de Vale de Cambra para incluir no Currículo Obrigatório, pelo menos, duas obras de grande Ferreira de Castro. E enquanto estão com a mão na massa, juntem também os nossos livros: (1) História da Pedra de Dighton que ganhou um Doutoramento numa Universidade Americana e também o (2) nosso livro sobre o Colon (Colombo) Português que foi adaptado ao cinema pelo Mestre Manoel de Oliveira, cuja produção ganhou uma Medalha de Ouro no Festival Internacional Cinematográfico de Veneza, Itália, no dia 8 de Setembro de 2007. Só usando a prata da casa é que poderemos dar um bom exemplo às camadas jovens dos valores literários do nosso Concelho. Boa sorte no novo Movimento.

Manuel Luciano da Silva, Médico  
Associação Museu-Biblioteca de Cavião

## Carta aberta ao Sr. Ministro da Educação e Ciência de Portugal

Por Dr. Manuel Luciano da Silva

“Caro Senhor Ministro, Professor-Doutor Nuno Crato:

Não há dúvida que Vossa Excelência tem trabalhado imenso para endireitar as coisas em Portugal, Açores e Madeira sob os vários aspetos da Educação Nacional em Portugal. Tem tido dores de cabeça com os professores, com os sindicatos, etc., mas o alerta que quero apresentar a Vossa Excelência é muito mais fácil em comparação. No Currículo para o Ensino Secundário o seu Ministério não inclui textos de autores regionais para serem lidos e estudados nas aulas de Literatura Portuguesa e História. Isto está errado! O seu Ministério devia permitir que os Reitores e os Professores do Ensino Secundário possam usar livros meritórios publicados por autores regionais.

### Exemplos:

Sendo o Gaspar Frutuoso, o maior historiador dos Açores e Madeira, - “Saudades da Terra” - e não se ensinar aos jovens locais os capítulos que tratam da história da Ilha de São Miguel, da Ilha do Corvo, etc. Está errado! Sendo Ferreira de Castro o Autor Português que tem mais traduções dos seus livros pelo mundo fora, como é que se admite que os

seus livros - “Emigrantes” e “A Curva na Estrada”, por exemplo - não sejam ensinados aos jovens de Vale de Cambra e de Oliveira de Azeméis para verificarem o exemplo de um jovem que nasceu numa aldeia pequenina e se tornou numa figura literária internacional. O Ministério da Educação recomendando para os Professores locais passarem a usar um livro, cada ano, dum autor regional daria aos jovens muito mais orgulho pela sua terra natal e iriam desenvolver muito mais patriotismo e até mais conhecimentos dos valores intelectuais da sua região. Portugal tem tantos valores literários e históricos espalhados mesmo pela Província, que o nosso pedido para que o Ministério da Educação Nacional não só permita mas recomende textos sobre a Literatura e História de Portugal, considerados meritórios regionais, para serem usados no Ensino Secundário. Esta medida iria despertar muito mais interesse nos professores, nos jovens e nos cidadãos das respetivas regiões de Portugal, Açores e Madeira. Esperando que Vossa Excelência considere por bem esta minha simples sugestão, subscrevo-me com os melhores cumprimentos com votos de bons sucessos na sua difícil missão.



Manuel de Almeida

# Açores: - Três apontamentos

## Nota Introdutória.

Na edição da 2ª quinzena de abril de 2011 demos início à publicação de um artigo, neste jornal, com o título em epígrafe. Aí descrevemos, embora de forma muito sucinta, o cultivo da vinha verdeja em Cambra, com destaque para a aldeia de Vilar aí por meados do século que findou. Podendo revestir interesse para os leitores conhecer o modo como as videiras desta casta são amanhadas na ilha do Pico nos Açores, abaixo deixamos essa informação e outras curiosidades sobre o arquipélago.

## A Ilha do Pico

Fazendo parte do grupo central do arquipélago, a ilha do Pico destaca-se das restantes pela imponência do cone de um vulcão adormecido, tornado monte e que lhe deu o nome. Trata-se de uma grande montanha, com a altitude de 2.351 m, situada em pleno oceano atlântico norte e, como tal, visível desde muito longe. É de todas as ilhas a mais recente. Terá aproximadamente 750.000 anos. A mais antiga, Santa Maria, terá a vetusta idade de 8,12 milhões de anos. Por isso, aqui, a atividade vulcânica é pouco acentuada, en-



Ilha do Pico: - Placa indicativa da vinha verdeja

quanto que no Pico e na vizinha ilha do Faial ainda se verifica regular dinâmica vulcânica. Recordase, a este propósito, que ainda em 1957/58, se verificou uma erupção vulcânica, chamada dos Capelinhos, no Faial, que fez com que, de um dia para o outro, a ilha aumentasse o seu tamanho. Visitado o local, nota-se perfeitamente a parte nova, por praticamente não ter vegetação, a sua cor ser escura e o farol então lá existente estar inclinado. Parece, assim a imaginamos, uma paisagem lunar.

A última atividade vulcânica do Pico data do século XVIII. Fica na

zona do Cabrito e deu origem a uma forma de lava muito áspera, aqui chamada de biscoito. Foi graças à existência da alta montanha que, na encosta virada para o Faial, se desenvolveu o plantio da respetiva vinha verdeja, no meio da pedra basáltica o que lhe empresta grande singularidade.

## O início do plantio da vinha

Pensa-se que terão sido os frades franciscanos, particularmente Frei Pedro Gigante, que introduziram o

plantio da vinha na região, aí pelos finais do século XV. O primitivo lugar terá sido nas Silveiras. Construídas as igrejas, tornava-se necessário a importação de vinho para a celebração da santa missa. Ao verificarem que as condições edafológicas climáticas eram idênticas às da Sicília ou Chipre no Mediterrâneo, transportaram para as ilhas atlânticas, particularmente a do Pico, a casta conhecida de “verdelho”. A expansão, por toda a Ilha, foi relativamente fácil e rápida. O vinho produzido tornou-se famoso e foi exportado para todo o Norte da Europa. Após a revolução de 1917, foram encontradas garrafas de vinho “Verdelho do Pico” armazenadas nas caves dos antigos czares da Rússia.

## As plantações na atualidade

Quem sai para sul da pequena e pacata vila da Madalena, pela estrada que circunda a ilha, começa a ver de um lado e do outro da via uns muros em pedra solta e escura. Dentro destes vislumbra ainda divisórias com os mesmos pedregulhos, aí com um metro de altura e pequenas passagens entre umas e outras. Dentro destes quadrados e retângulos encontram-se as cepas ras-

teiras das videiras. Com um clima caracterizado por fracas amplitudes térmicas e precipitações elevadas, regularmente distribuídas durante o ano, a região produz um vinho generoso e de grandes tradições. Este vinho resulta de uvas cultivadas predominantemente em solos designados de “Lajido”. As cepas são plantadas em fendas no basalto, protegidas pelo já referido reticulado de muros de pedra vulcânica solta, a escassos metros do mar, e até a uma altitude de cerca de 100 metros. É, contudo, para além de engenhoso, muito trabalhoso este modo de produção de vinho, daí a sua classificação pela UNESCO. Há, porém, o receio do seu desaparecimento, dada a escassez de mão de obra e o desinteresse dos jovens por esta atividade. A área cultivada já foi muito maior. O visitante mais atento nota já grandes manchas de arbustos crescidos entre os referidos muros de pedra, sobretudo na zona do aeroporto da ilha e mesmo nos locais aonde se produz vinho em maior quantidade. Só uma maior procura dos produtos vinícolas poderá levar à manutenção desta peculiar forma de produção de vinho na ilha, assim o cremos.

Continua...